

*Castro Soromenho e o movimento da Negritude Africana*

Cássio Santos Melo <sup>1</sup>

**Resumo**

Trata-se de uma proposta de pesquisa que pretende evidenciar a rede de relações intelectuais entre escritores portugueses e o mundo francófono no contexto dos debates nacionalistas dos países africanos que lutam por suas independências. Situamos temporalmente esse estudo entre as décadas de 1950 e 1960 e de modo a não construir um conjunto de generalizações sem sentido, nossa proposta restringe-se basicamente ao estudo das relações entre o escritor português Castro Soromenho (1910-1968) e o sociólogo angolano Mário Pinto de Andrade (1928-1990).

Palavras-chave: Castro Soromenho; literatura; negritude

O texto que ora apresentamos retoma em boa medida preocupações que trazemos desde o fim de nossa tese de doutorado em dezembro de 2014. Por conta de diversas atividades didáticas e administrativas assumidas a partir do momento que defendemos a tese *A Lunda de Castro Soromenho*<sup>2</sup>, postergamos a continuação de pesquisas relacionadas ao tema do doutoramento. Soma-se a esse adiamento, o fato de termos acreditado que com o fim da tese todas nossas indagações em relação à produção literária de Castro Soromenho estariam resolvidas; ledô engano.

Esta é uma evidência clara que a pesquisa em história demanda tempo para que exista o necessário decantar de ideias e interpretações feitas de afogadilho. Tal qual acontece num processo psicoterapêutico, certas perguntas e questões que a pesquisa nos impõe, demandam certo tempo para que se tornem plenamente cognoscíveis.

Naquele momento de produção da tese de doutorado já havíamos evidenciado as inter-relações intelectuais e de amizade entre Castro Soromenho e o sociólogo angolano

---

1 Professor Adjunto III do curso de história da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

2 MELO, Cássio Santos. *A Lunda de Castro Soromenho: alegorias de um império ido (1930-1968)*. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Mário Pinto de Andrade (1928-1990). O foco de nossas atenções nessa relação girou em torno dos esforços envidados por ambos para que o livro *Terra Morta* de Soromenho, fosse publicado na França. A contribuição de Mário de Andrade para efetivação deste projeto foi fundamental.

Ele, ao longo de sua vida intelectual e política possuiu múltiplas atividades: atuou como ensaísta, poeta, sociólogo, foi um dos fundadores do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e político. Mário de Andrade deixou Angola após concluir o Liceu, e em 1948 viaja para Lisboa onde inicia seu curso de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Lisboa. Durante seu período de permanência em Lisboa, juntamente com Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo, promove atividades culturais visando a redescoberta da África. O local que agremiou estes jovens estudantes oriundos das então colônias africanas de língua portuguesa, em torno da causa africana, foi a Casa dos Estudantes do Império. Esta instituição criada oficialmente em 1944 por sugestão do então Ministro das Colônias, Vieira Machado, tinha como objetivo principal vigiar e controlar os africanos que estudavam em Lisboa. O tiro saiu pela culatra! Pois, o local se tornou um aglutinador destes jovens africanos, e foi lá que Mário de Andrade, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, dentre outros, fundaram em 1951 o Centro de Estudos Africanos.

Mário de Andrade foge para Paris no começo de 1954 antes que a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) o prendesse. Lá chegando, começa a trabalhar como chefe de redação da revista *Présence Africaine*, a convite do Diretor Geral da revista, o senegalês Alioune Dioup, de quem Mário se tornou também o secretário pessoal por algum tempo. Em sua permanência em Paris, além de se dedicar à organização da revista e de suas próprias publicações, também concluiu o curso de Sociologia na Sorbonne. No ano de 1960, com a prisão de Agostinho Neto, Mário de Andrade assume a presidência do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), mas não participa das ações diretas do movimento, pois em 1964 o abandona por conta de suas divergências com Agostinho Neto.

Para os nossos objetivos atuais, desejamos ressaltar como se deu o relacionamento de Castro Soromenho com o universo da negritude por intermédio de Mário Pinto de Andrade. Na tentativa de reconstruir essa relação, utilizaremos como uma das fontes de

nossa análise, uma esparsa correspondência trocada entre Mário Pinto de Andrade e Castro Soromenho entre 1954 a 1965.<sup>3</sup>

Foi Mário de Andrade, por exemplo, quem abriu as portas do Museu do Homem a Castro Soromenho junto a Michel Leiris, além de ter lhe auxiliado na publicação do livro *Terra Morta* pela revista *Présence Africaine*, como já citamos anteriormente.

Com toda a certeza, foi na Casa dos Estudantes do Império que Castro Soromenho conheceu e entabulou relações com Mário de Pinto de Andrade. Como era natural daquele período, as pessoas trocavam correspondência justamente no período em que estavam distanciadas umas das outras, por tal razão estas cartas datam de meados de 1954, período em que Mário de Andrade já residia em Paris e Soromenho ainda se encontrava em Lisboa. Mas o que os uniu a princípio não foi a causa da autodeterminação do negro-africano.

Na correspondência trocada entre Castro Soromenho e Mário Pinto de Andrade fica clara a colaboração deste intelectual angolano para que *Terra Morta* pudesse ser publicada em francês pela *Présence Africaine* em 1956. Mário de Andrade em carta datada de 30 de setembro de 1954, afirma a Castro Soromenho que está em contato direto com a equipe editorial da *Présence Africaine* e afirma: “desde já posso lhe assegurar que a publicação de “Terra Morta” é uma ideia bem acolhida [...] Pode contar com meu voto”.<sup>4</sup> E de fato a publicação ocorreu. Por volta de novembro de 1955 as provas da tradução já estavam prontas e a publicação saiu em janeiro de 1956.<sup>5</sup>

Mário de Andrade pelo que se depreende desta sua correspondência enviada a Castro Soromenho entre 1954 a 1966, era um homem cheio de atribuições. Eram constantes suas desculpas pelo atraso em responder às cartas do seu amigo português, mas algo interessante nesta correspondência é o fato de Mário de Andrade acionar Soromenho várias vezes no sentido de obter livros ou indicações bibliográficas acerca da vida colonial portuguesa em Angola. Certa feita, Mário pediu a Soromenho a cópia de

---

3 Ver a descrição detalhada no Item “Fontes”.

4 ANDRADE, Mário Pinto. [Carta] 30 set, 1954, Paris [para] SOROMENHO, C. Lisboa. 1f. Acervo FS.

5 ANDRADE, Mário Pinto. [Carta] 6 set, 1955, Paris [para] SOROMENHO, C. Lisboa. 1f. E também: ANDRADE, Mário Pinto. [Carta] 29 nov, 1955, Paris [para] SOROMENHO, C. Lisboa. 1f. Acervo FS.

material fotográfico sobre a vida social das colônias sob a administração portuguesa, material este que Mário de Andrade julga ter sido produzido pela Agência Geral das Colônias.<sup>6</sup> Ele como *persona non grata* da PIDE não arriscaria voltar a Lisboa para fazer suas pesquisas. Desde janeiro de 1957, ele planeava fazer um memorial para a Escola de Altos Estudos de Paris cujo tema seria a colonização portuguesa em Angola. Mário acariciava o sonho de fazer algum tipo de colaboração na editorial de Castro Soromenho, mas isto não ocorreu por razões várias que aqui não nos é possível especular.

Esta relação intelectual e fraternal entre Mário de Andrade e Castro Soromenho teve resultados bastante positivos para ambos. Por conta de sua amizade com Soromenho, Mário de Andrade passou a ser conhecido entre o círculo de intelectuais, do qual Soromenho fazia parte, que estava bem distante das questões que envolviam os nacionalismos africanos em fins da década de 1950. Assim, Mário conheceu e entabulou relações com intelectuais portugueses do naipe de Cardoso Pires e José Augusto França. Soromenho, por seu turno, pode enfim publicar sua obra *Terra Morta* em francês, objetivo que já perseguia a mais de 10 anos. Por sua ligação a Mário de Andrade, ele também colaborou em alguns periódicos ligados ao universo do pan-africanismo, como *Présence Africaine* e *Revolution* que tinham por objetivo principal divulgar a luta pela emancipação política e cultural dos países africanos.

Referenciemos aqui alguns destes pequenos artigos de Soromenho publicados durante sua permanência em Paris: “Portrait: Jinga, reine de Ngola et de Matamba”. *Presence Africaine*, Paris, N<sup>o</sup> 42, p. 47-53, 1962; “L’arbre sacre: nouvelle”. *Revolution*, Paris, N<sup>o</sup> 8, p. 78-80, avril, 1964; “Les peuples naissent des légendes”. *Revolution Africaine*, Paris, 6 Juillet 1963, N<sup>o</sup>23, p. 22-4.

Para Mário de Andrade, Soromenho representava uma figura de expressão na literatura africana de língua portuguesa, todavia, os projetos intelectuais de Mário de Andrade eram mais amplos, e em sua órbita ele conseguiu reunir vários literatos africanos de língua portuguesa para a publicação de algumas antologias. A primeira delas data de 1958 e foi publicada em Paris sob o título *Antologia da Poesia Negra de expressão*

*portuguesa*, na qual ele agrupou poetas de Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Angola, Moçambique e até do Brasil.<sup>7</sup>

Na apresentação desta antologia, logo de súbito, Mário de Andrade afirma que o debate atual sobre a cultura negra ultrapassa a ideia de afirmação da cultura negro-africana frente a outras culturas ditas superiores. De modo que, o problema em foco neste final da década de 1950 são as relações entre o poder e a cultura, como também “da possibilidade duma renascença dos valores culturais negros e sua integração no patrimônio universal”.<sup>8</sup> Em linhas gerais a proposta intelectual de Mário de Andrade vai de encontro aos nascentes nacionalismos africanos nos países de língua portuguesa que objetivavam suas independências política e cultural.

Nessa fase nota-se com grande nitidez o papel da literatura em recriar uma nova identidade para Angola. A literatura nesse momento terá a missão de reescrever a história de Angola, e dar uma conotação clara e valorativa para a angolanidade. Nesse sentido, os autores dessa geração passarão por temas que comporão um painel de formatação de uma identidade angolana, como a questão lingüística – o português X quimbundo –, a pobreza e miséria dos bairros musseques, o peso do colonialismo, etc. Na década de 1950, Mário de Andrade não estava só nesta empreitada. Em Angola no início dos anos de 1950, sob o impulso do “Movimento dos jovens intelectuais de Angola” e com a bandeira “Vamos descobrir Angola”, uma nova produção literária vem a lume, especialmente do gênero poético. Essa produção foi reunida numa *Antologia dos poetas de Angola*, a qual desembocou na fundação da revista *Mensagem* (1951-2) que reuniu nomes que se tornaram importantes literatos das décadas seguintes, a exemplo de Agostinho Neto, Antônio Jacinto, Mário Antônio, Mário de Andrade, Viriato da Cruz e Luandino Vieira.<sup>9</sup>

A pesquisadora brasileira Rita Chaves, ao analisar a formação do romance angolano no século XX, nos coloca de maneira clara quais os significados da literatura para esta geração de escritores de Angola, vejamos:

---

7 ANDRADE, Mário Pinto de. *Antologia da Poesia Negra de expressão portuguesa*. Paris: Pierre Jean Oswald, 1958.

8 Idem, p. VIII.

9 C.f.: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; VECCHIA, Rejane (Orgs.). *A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007.

Assim como ocorre com outros estados africanos recentemente saídos de sistemas coloniais, o estado angolano está fundado em cima de um conjunto de grupos étnicos historicamente diferenciados, integrados em universos culturais distintamente marcados, cujas relações nem sempre se pautaram pela desejada harmonia [...] O desafio se montava: era preciso fazer Angola, o que significava (significa) investir também na construção de um discurso autônomo, capaz de unificar as vozes dispersas pelos quatro cantos do território e calar a voz uniforme do colonialismo. Ao fim e ao cabo, o jogo era um só: bloquear o ato colonial para construir a nação.<sup>10</sup>

A par do que vimos afirmando até o presente momento sobre os objetivos intelectuais de Castro de Soromenho, é de se notar que suas perspectivas literárias e políticas eram bem diferenciadas comparadas às da geração de angolanos (ou que se transformaram em angolanos) a que pertencia Mário Pinto de Andrade. Em relação à já aludida apresentação de Mário de Andrade para a publicação de *Antologia da Poesia Negra de expressão portuguesa* (1958), em carta a Soromenho – a qual foi interceptada pela PIDE – ele esclarece ao amigo português sobre o sentido de sua introdução na antologia poética. Pelo que se depreende da carta, parece que Soromenho o questionou acerca desta apresentação possuir um conteúdo mais sociológico do que literário, assim Mário de Andrade o responde:

Relendo a tua carta de 18 de agosto, verifiquei que ainda não me expliquei sobre o sentido da minha introdução à antologia [...] Mas suponho ter suficientemente mostrado que o meu objectivo é de combater com clareza o mito da assimilação e do luso-tropicalismo – o que ainda não houvera feito em língua portuguesa. Afastei-me, é certo, da questão propriamente literária mas remediei o mal (após recepção da tua carta) escrevendo uma nova página em que abordo o essencial do problema literário.<sup>11</sup>

Impossível saber se o grifo é do original ou se foi um enxerto de alguns dos escrivães da PIDE, pois a cópia a que tivemos acesso é uma transcrição datilografada. O fato é que Mário de Andrade não por acaso se torna um dos líderes do MPLA na década de 1960. Sua produção intelectual possuía um sentido de autoafirmação política com vistas

---

10 CHAVES, Rita de Cássia Natal. *A formação do romance angolano: entre intenções e gestos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1999, Coleção Via Atlântica, V. 1, p. 30-2.

11 ANDRADE, Mário Pinto. [Carta] 15 set, 1958, Paris [para] SOROMENHO, C. Lisboa. 1f. Processo 120, Fundo PIDE/DGS, p. 17-8. Acervo ANTT.

não só à independência de Angola, como também à criação de um novo sentimento de angolanidade.

A literatura de Soromenho, por sua vez, não apresenta qualquer perspectiva nesse sentido. Apesar de se corresponder com intelectuais angolanos, e já na década de 1950 possuir uma perspectiva completamente avessa ao colonialismo, podemos afirmar que o trabalho de se recriar uma nova Angola, e novos angolanos por consequência, não fazia parte das suas preocupações intelectuais.

Com uma certa dose de equívoco, a que no mais das vezes somos quinhoeiros, afianço que Mario de Andrade e sua produção intelectual é a chave explicativa para se compreender a forma como Castro de Soromenho foi apropriado pela literatura angolana de cunho nacionalista surgida a partir da década de 1950. E aqui nesta proposta de pesquisa intentamos aprofundar esse problema.

Ao lermos a correspondência trocada entre Soromenho e Mário de Andrade, ficamos com a nítida impressão de que as muitas das trocas intelectuais realizadas entre ambos ocorreram por empenho maior da parte de Mário de Andrade; sente-se uma certa displicência da parte de Castro Soromenho aos interesses do amigo. Cito por exemplo o caso de um projeto de escrita de uma “Enciclopédia Africana”, que Mário de Andrade era um dos idealizadores. Em carta enviada a Soromenho no dia 9 de novembro de 1965, Mário solicita “os comentários e sobretudo as tuas notas complementares à lista biográfica que te enviei sobre as personalidades angolanas”.<sup>12</sup> Soromenho ao responder Mário de Andrade, afirma no princípio da carta que não o atendeu por estar sem seus livros e também pelo fato de “nunca ter recebido o convite da direção da enciclopédia [...] não meti mãos a obra quando o podia fazer”.<sup>13</sup> A bem da verdade é que Soromenho neste novembro de 1965 estava mais preocupado com sua saída para o Brasil, todavia ele pouco se mobilizou em torno destes projetos editoriais de cunho nacionalista que chegavam até ele por intermédio de Mário Pinto de Andrade. Acerca da tal ausência de um convite

---

12 ANDRADE, Mário Pinto. [Carta] 09 nov, 1965, Alger [para] SOROMENHO, C. Paris. 1f. Acervo FS.

13 SOROMENHO, C.. [Carta] 21 nov, 1965, Ville Juif [para] ANDRADE, Mário Pinto. Alger. 5f. Acervo Online Fundação Mário Soares. Disponível em [<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04308.007.030#!5>]

oficial, nos parece ser mais uma desculpa do que uma justificativa verdadeira, fato é que Soromenho considerava alguns destes projetos dotados de pouco rigor intelectual. Nesta mesma carta de 21 de novembro de 1965, ele chega mesmo a afirmar a Mário que recusou a participar de certos trabalhos apoiados pelo MPLA, nas suas palavras,

os responsáveis das asneiras diriam que eu sou um despeitado... e que me recusei a colaborar, e que nem me dei ao trabalho de responder aos convites particulares e oficiais que me fizeram o que é verdade [...] Não embarco em aventuras... Não satisfaço vaidades pessoais de gente improvisada.<sup>14</sup>

A falta do convite oficial não poderia mais ser o empecilho para a recusa da participação da parte de Castro Soromenho, antes mesmo que esta sua carta de 21 de novembro de 1965 chegasse às mãos de Mário de Andrade, este lhe escrevia informando já estar de posse do convite oficial enviado pelo secretariado da Enciclopédia Africana.<sup>15</sup>

Essa oposição de interesses teve suas exceções, como no caso do trabalho de publicação em língua francesa de *Terra Morta* pela *Présence Africaine*. Mário de Andrade foi chefe de redação desta revista entre 1951 a 1958 e seu empenho neste sentido foi fundamental à publicação de *Camaxilo*.<sup>16</sup> O que se depreende de tudo isto é que não havia interesses completamente convergentes entre ambos.

Numa carta a Casais Monteiro em 31 de agosto de 1961, Soromenho expõe algumas opiniões acerca de Mário de Andrade. A citação a este fato vale menos pelo que pensava Soromenho a respeito do líder angolano, do que pelo esclarecimento que nos fornece em relação à forma como ele se colocava diante de alguns intelectuais angolanos. Vejamos então:

A direção do Mário de Andrade é: P.B. 800. Conakry. República da Guiné. Esse comunismo do Mário foi forjado em Lisboa pela Voz, Diário da Manhã, etc. Naturalmente que os líderes africanos fazem como todos à esquerda e à direita, precisamente para caírem só para um lado. Um líder africano, mesmo quando de formação marxista, é acima de tudo nacionalista. Ele conhece a “realidade” de seu povo, o atraso em que se encontra, e teme mais de que tudo que saía do colonialismo para cair no neo-colonialismo. À volta de tudo isto ha uma grande

---

14 Idem.

15 ANDRADE, Mário Pinto. [Carta] 20 nov, 1965, Alger [para] SOROMENHO, C. Paris. 1f. Acervo FS.

16 Terra Morta foi publicada em francês sob o título de Camaxilo, que é o nome de uma vila no nordeste da Lunda onde se passam as ações dos romances *Terra Morta* (1949) e *A chaga* (1960).



especulação e muita ignorância. Eu gostaria de dentro da redação de um jornal brasileiro, trabalhar sobre este assunto. A minha experiência talvez fosse útil.<sup>17</sup>

Soromenho é muito claro no fato de não manter nenhum tipo de contiguidade física, afetiva ou intelectual com o movimento de emancipação política de Angola. Aqui ele se abstrai de todo o contexto de luta pela emancipação de Angola e se coloca na posição de um intelectual que deseja interpretar esta ou aquela situação sem qualquer tipo de envolvimento afetivo com o objeto analisado.

A análise desta correspondência pode restringir nossa interpretação por não possibilitar uma percepção ampliada do universo intelectual africano em ebulição, especialmente na Europa. Uma hipótese que possuímos neste momento, e que nos ajudará a construir esse espaço sócio intelectual em que se encontrava Mário Pinto de Andrade, é o estudo da revista *Présence Africaine*.

Fundada em 1947 por Alioune Diop em torno do movimento literário da Negritude, a revista *Présence Africaine* representou uma força mobilizadora no campo literário e editorial. Mas foi como força mobilizadora e aglutinadora no cenário político em torno das independências africanas que seu destaque foi maior (Reis & Resende, 2016, p. 2).

Em seu número inaugural de 1947, a revista apresenta uma seleta lista de patronos e editores formada por nomes importantes, como: Michel Leiris (1901-1990), Paul Rivet (1876-1958), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Albert Camus (1913-1960), Paul Hazoumé (1890-1980), Léopold Sédar Senghor (1906-2001) e Aimé Césaire (1913-2008). Transformada em editora no ano de 1949, teve um papel central na formação e publicização de uma imagem militante do intelectual negro (Reis & Resende, 2016, p. 2).

Lançada simultaneamente em Paris e Dakar esse periódico possuiu papel histórico na promoção da literatura africana. Além da perenidade (publicada até os dias de hoje) ela constituiu um deslocamento de perspectiva para além dos círculos negros de Paris, amplamente monopolizado pelos antilhanos. A revista tornou-se um espaço integrador da África e deu espaço a escritores que somente publicavam em periódicos vinculados a centros de estudos etnológicos ou da nascente imprensa africana; em 1949 também foi criada uma editora de mesmo nome (Machado, 2016, p. 67).

---

17 SOROMENHO, C. [Carta] 31 ago, 1961, Paris [para] MONTEIRO, C. São Paulo. 2f. Cota E15/4454. Acervo BNP.

Nos primeiros anos da revista seus discursos possuem uma relação estreita com as posições veiculadas pelo Museu do Homem. Fundado em 1937 após a Exposição Universal de 1937, essa instituição é oriunda do Museu do Trocadero.

Sua vocação é de apresentar a humanidade em sua diversidade antropológica, histórica e cultural. A *Présence Africaine* compartilha com os pesquisadores dessa instituição uma concepção unitária ou unitarista de humanidade e o valor atribuído à diferença cultural (Ardnt, 2016, p. 151)

Ocorrido nos idos de 1956, o 1º Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros representou a força e alcance da revista *Présence Africaine*, o qual extrapolava os limites da chamada África Ocidental Francófona, possuindo repercussões profundas e duradouras no cenário intelectual e político africano. Em nosso caso específico interessamos mapear as relações dos intelectuais angolanos com esse universo da *Présence Africaine*, em especial Mário Pinto de Andrade (1928-1990).

Esse importante periódico foi o primeiro e mais estável veículo de agremiação intelectual exclusivamente africano. A despeito de ser publicado em Paris, a *Présence Africaine* promove a conjugação do cenário intelectual metropolitano com os principais expoentes africanos e antilhanos na luta anticolonial.

Segundo as pesquisadoras Reis & Resende, no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial “a *Présence Africaine* se afigurou como veículo de um projeto intelectual e político crítico mas não anticolonialista em seus primeiros anos (1947-49). Somente na segunda metade da década de 1950 é que o discurso da revista se torna mais combativo com relação à presença europeia na África” (Reis & Resende, p. 18-9).

Dentro desse nosso projeto de pesquisa fazemos uso do termo negritude, o qual deve ser contextualizado.

Como afirma Maria Nazareth Soares Fonseca, a produção literária de escritores negros nos Estados Unidos e países antilhanos nas décadas de 1920 e 1930 é responsável pela disseminação de uma outra visão sobre os negros. A afirmação de uma consciência *blackness* na América fortaleceu a luta por direitos civis e influenciou outros movimentos de afirmação de uma cultura negra, tanto no continente americano como na Europa também (Fonseca, 2016, p. 27).

É o caso da *Revue du Monde Noir*, lançada no ano de 1931 em Paris pelo haitiano Léo Sajoius e Paulette Nardal, da Martinica. Em 1932, também em Paris, surge a revista *Légitime Défense*, criada por dois antilhanos que lá residiam, Étienne Lero e René Menil; apesar de publicar apenas um número, seus autores defendiam a assunção de uma

identidade negra antilhana. Na mesma esteira são publicados o jornal *Étudiant Noir* (1935), por dois estudantes martiniquenses, e o livro *Historie de la civilisation Africaine* (1937), de Léo Frobenius. Em 1937 Aimé Césaire utiliza pela primeira vez o termo *négritude* em sua poesia *Cahier d'un retour au pays natal* (Fonseca, 2016, p. 28).

Esse termo irá nomear o movimento que nasce na França na década que defende a produção de uma literatura e teoria exclusivamente negra tendo à frente intelectuais como o Aimé Césaire, Leopold Senghor e Léon Damas. A publicação em 1948 de *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache d'expression française*, organizada por Léopold Sédar Senghor é a principal expressão do movimento da Negritude em solo francês. Em língua portuguesa, mas também ligado ao universo parisiense, Mário Pinto de Andrade, que fora redator da revista *Présence Africaine* na década de 1950, por inspiração dessa antologia, organizou em 1958 a *Antologia da poesia negra de expressão portuguesa*, na qual ele agrupou poetas de Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Angola, Moçambique e até do Brasil.<sup>18</sup>

Com a criação da revista *Présence Africaine* em 1947, toda a luta dos intelectuais negros em território europeu passa a ter um importante vetor de canalização de suas expressões literárias e políticas.

A iniciativa de realização do I Congresso de Escritores e Artistas Negros, em 1956, é de Alioune Diop, que consegue incentivar vários intelectuais africanos e antilhanos, e conta com a ajuda do angolano Mário Pinto de Andrade, que tinha assumido a secretaria da revista logo após sua transferência de Lisboa para Paris, motivada pela perseguição intensa da PIDE (Fonseca, 2016, p. 30).

Mário de Andrade é figura extremamente importante no movimento da negritude em solo europeu, pois ele fora o elemento de interligação entre os intelectuais de expressão portuguesa com o ambiente parisiense.

Nesse contexto de dar visibilidade às culturas africanas no concerto das nações, uma importante iniciativa já referenciada aqui é a realização do I Congresso Escritores e Artistas Negros em 1956, sob a batuta de Alioune Diop, na cidade de Paris. Na opinião de Mário de Andrade, dentre as várias questões que suscitavam a realização do congresso, a literatura nacional era a mais premente (Fonseca, 2016, p. 35).

As tensões do colonialismo expressas por meio da literatura culminarão em ações como, por exemplo, na criação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Essa disposição para exercício de ações políticas concretas levará Mário de Andrade, entre outros intelectuais, a abandonar a *Présence Africaine* em 1958 e ficar vinculado às causas de libertação de Angola junto ao MPLA.

Como se vê, para a maioria dos intelectuais negros que estiveram envolvidos em torno da revista *Présence Africaine* e participaram da realização do I e II Congresso de Escritores e Artistas Negros, 1956 e 1959 respectivamente, a Europa era apenas uma ponte para a África.

O movimento pan-africanista tem raízes mais longínquas daquelas vinculadas ao contexto da luta anticolonialista nas décadas de 1940 em diante. A primeira grande conferência africanista aconteceu no ano de 1900 em Londres, organizada pelo advogado Henry Williams, natural de Trinidad. A essa conferência se seguiram outras seguindo o debate de questionamento dos preconceitos sofridos pelos negros na Europa e América. O sociólogo americano W. Burghardt Du Bois, autor de *Souls of Black People* (1903), foi o responsável pelo I Congresso Pan-africano de Paris, em 1919, que reivindicava o 'Código de Proteção Internacional dos Indígenas da África'. Em 1945, Kwame Nkrumah, o futuro presidente de Gana, teve um papel importante na organização do V Congresso Pan-Africano de Manchester, o qual, em linhas gerais, incitava a luta pela libertação dos povos negros colonizados (Machado, 2016, p. 60).

Ao lermos, em uníssono, essas referências sobre eventos e publicações ligados à causa pan-africana percebemos que tratava-se de uma questão que não possuía um consenso. Existiam perspectivas diferenciadas acerca da questão colonial e das formas de resistência.

Todavia, o movimento que ficou conhecido pelo nome de Negritude, foi encabeçado em solo francês por estudantes martiniquenses quem viviam em Paris. A publicação inicial desse grupo do qual faziam parte Aimé Césaire, Léon Damas e Léopold Sédar Senghor foi o *L'étudiant Noir: journal de l'association des étudiants martiniquais em France*. O objetivo da publicação era propor uma união dos estudantes pela cor e não pela nacionalidade.

A revista *Présence Africaine*, conforme nos alerta Raissa Brescia, em seu princípio de fundação no ano de 1947 não apresentava um discurso radical e anticolonialista. Alione Diop, em seu texto de apresentação para o primeiro exemplar da revista, afirma

em tom de orgulho que esta publicação “se felicita por ser francesa, de viver em ambiente francês”, o que denota claramente um discurso inicial mais conciliador do ponto de vista intelectual (Reis, 2016, p. 75).

Em 1955, porém, as condições objetivas que cercam a publicação da revista se modificam. O surgimento de novos espaços de crítica ao colonialismo, como a Conferência de Bandung, bandeiras independentistas surgem em detrimento da antiga convivência com o imperialismo europeu (Reis, 2016, p. 83).

A partir de 1955 os artigos publicados no interior da revista deveriam possuir um caráter antirracista, anticolonialista, que se dediquem à África e não traiam a solidariedade dos povos colonizados (*Présence Africaine*, 1-2, 1955, p. 5; apud: REIS, p. 84). O tom de conciliação com a metrópole é substituído por um discurso agregador de todos os povos que sofrem as consequências do colonialismo, independente de credo religioso ou particularidades ideológicas.

A vocação cultural da *Présence Africaine* que antes de 1955 estava voltada para as relações culturais entre a França e suas colônias de Além-mar, agora possuía uma rede de solidariedade que extrapolava esse limite geográfico.

A perspectiva nacionalista, agregadora e anticolonial deste movimento intelectual que a *Présence Africaine* captou, gerou frutos também noutras publicações e contextos. Referimo-nos aqui, especificamente, ao trabalho de Mário de Andrade no sentido de construir para as nações africanas que amargam ainda a presença portuguesa, esse sentido agregador.

Em 1958 Mário de Andrade escreve um pequeno texto chamado “Cultura Negra e Assimilação”, o qual fora publicado à guisa de introdução do livro *Antologia da poesia negra de expressão portuguesa*. Esta antologia, organizada pelo próprio Mário, se inspira numa outra publicada em ambiente francófono no ano de 1948, como já afirmamos anteriormente.

Nesse texto introdutório Mário de Andrade ressalta a importância do intelectual no sentido de interpretar os problemas do seu tempo. A responsabilidade com sua realidade é maior sobretudo com os intelectuais que se encontram na condição de “homens colonizados”. O debate sobre a cultura Negro-africana ultrapassa a questão da valorização desta no sentido de ter contribuído para o enriquecimento de outras culturas fora da África. (Andrade, 1958, p. vii).

A questão é situada por ele no cenário político no sentido de um renascimento de uma cultura negra vista como integrada ao patrimônio universal no mesmo diapasão das modernas nações. A opressão da cultura negro-africana pelo colonialismo precisa ser enfrentada, e o protagonismo dos negros na produção de sua própria cultura e valores deve ser levado à termo em detrimento das opressões impostas pela situação colonial. Andrade, defende que a “renascença” de uma cultura negro-africana só pode ser pensada numa situação política de independência nacional (Andrade, 1958, p. viii).

As especificidades desta obra, seus autores, serão tratadas com mais vagar ao longo da pesquisa. Apesar da brevidade dos nossos comentários, podemos perceber como a perspectiva literária de Mário de Andrade e Castro Soromenho são diferentes. Todavia, esse relacionamento produziu frutos no processo de independência das nações africanas, como também na crítica ao colonialismo em solo português.

### **Bibliografia:**

ACTES DU COLLOQUE INTERNACIONAL. *Les littératures africaines de langue portugaise*. Paris, Fundação Calouste Gulbekian, 1985. [tenho digitalizado]

ARNDT, Charlotte. “Descolonizações na adversidade: a Présence Africaine como prisma de constelações culturais”. In: REIS, R. B. & ALMEIDA, T. *Cultura e mobilização: reflexões sobre o I Congresso Internacional de escritores e artistas negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016, p. 147-61.

BERND, Zilá. *O Que é Negritude*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CERTEAU, M. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DURÃO, Gustavo de Andrade. *A construção da Negritude: a formação da identidade do intelectual através da experiência de Léopold Sédar Senghor (1920-1945)*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Campinas, 2011.

ERVERDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura Angolana*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1970. [tenho digitalizado]

FERREIRA, A. C. “A fonte fecunda”. In: PINSKY, C. B. e LUCA, T. R. (Orgs.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. [tenho digitalizado]

FONSECA, Maria Nazareth. “O I Congresso de escritores e artistas negros: antecedentes, tensões e consequências”. In: REIS, R. B. & ALMEIDA, T. *Cultura e mobilização: reflexões sobre o I Congresso Internacional de escritores e artistas negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016, p. 25-40.

LARANJEIRA, Pires. *De letra em riste*. Porto: Edições Afrontamento, 1992. [Tenho digitalizado]

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. [tenho digitalizado]

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990

MACHADO, Fernanda Murad. “Pré-histórias da literatura francófona na África: Pan-africanismo, negritude e primeiro congresso dos escritores e artistas negros. In: REIS, R. B. & ALMEIDA, T. *Cultura e mobilização: reflexões sobre o I Congresso Internacional de escritores e artistas negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016, p. 41-70.

MARGARIDO, Alfredo. *Negritude e Humanismo*. Lisboa: Edição da Casa dos estudantes do Império, 1964.

MATA, Inocência & PADILHA, Laura (org.). *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política*. Lisboa: Edições Colibri, 2000. [tem na estante virtual]

MUNANGA, Kabenguele. *Negritude: usos e sentidos* (1986) [sentidos estabelecidos pelas ciências sociais no Brasil para o movimento Negritude];

OLIVEIRA, Mário António Fernandes. *A formação da literatura angolana: (1851-1950)*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997. [tenho digitalizado]

REIS, Raissa Brescia & ALMEIDA, Taciana. “Présence Africaine e intelectualidade francófona: uma introdução à historiografia. In: REIS, R. B. & ALMEIDA, T. *Cultura e mobilização: reflexões sobre o I Congresso Internacional de escritores e artistas negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016, p. 1-24.

REIS, Raissa Brescia dos. *Négritude em dois tempos: emergência e instituição de um movimento (1931-1956)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

REIS, Raissa Brescia. “Projeto Cultural e política intelectual nas páginas da Présence Africaine (1947-1956)”. REIS, R. B. & ALMEIDA, T. *Cultura e mobilização: reflexões sobre o I Congresso Internacional de escritores e artistas negros*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016, p. 71-104.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.